

RESUMOS ESPANDIDOS IV MOSTRA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA**ADMINISTRAÇÃO****EMPRESA JÚNIOR: UMA HISTÓRIA EM CONSTRUÇÃO**

RODRIGUES, Beatriz de Oliveira¹
DA SILVA, Luany Fernandes²
DA LUZ, Amanda Ribeiro³

Palavras-chave: Empresa Júnior; Acadêmico; Brasil Júnior; Pesquisa.

1 INTRODUÇÃO

A iniciativa desse estudo surgiu a partir da atuação das pesquisadoras como membro da diretoria da Ilume Consultoria Empresarial Júnior, empresa da Faculdade Camaquense de Ciências Contábeis e Administrativas – FACCCA, de Camaquã/RS cujos

¹ Faculdade Camaquense de Ciências Contábeis e Administrativas – Faccca – Fundação de Ensino Superior da Região Centro Sul- Fundasul - beatriz.deor@gmail.com

² Faculdade Camaquense de Ciências Contábeis e Administrativas – Faccca – Fundação de Ensino Superior da Região Centro Sul- Fundasul - luanyfsilva4@gmail.com

³ Professora Orientadora – Faculdade Camaquense de Ciências Contábeis e Administrativas – FACCCA – Camaquã/RS. E-mail: amandardaluz@gmail.com.

cursos de bacharelado que dão nome à instituição atuam em projetos que atendem empresários de Camaquã e da região Centro-Sul.

Esta pesquisa buscará, através de dados bibliográficos, desenvolver um histórico das Empresas Juniores no Brasil e no mundo, enfatizando suas competências e sua crescente valorização no país.

Conhecer o contexto de evolução histórica das Empresas Juniores é importante não somente para quem faz parte de sua gestão, mas para a comunidade acadêmica de forma geral, além da sociedade civil que direta ou indiretamente se beneficia com as atividades realizadas pela Instituição e pela própria Empresa Junior. Visto isso, o objetivo centra-se em levar à comunidade acadêmica, de forma didática e construtiva, maiores informações sobre a formação, o desenvolvimento e a importância de empresas juniores; aproveitando o espaço para esclarecer dúvidas pertinentes ao projeto desenvolvido na Faculdade através da Ilume Consultoria.

A participação como empreendedor júnior possibilita ao acadêmico a aproximação com o mercado de trabalho e o desenvolvimento de competências singulares na sua área de atuação pelo aprendizado que tem oportunidade de validar com a prática, de forma contextualizada. As empresas que se utilizam do trabalho das Empresas Juniores igualmente têm oportunidade de crescimento, com o trabalho de estudantes proativos e conectados ao que há de mais novo no mercado.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Data de 1967 o surgimento da primeira Empresa Júnior, através da iniciativa de estudantes franceses da *L'École Supérieure des Sciences Economiques et Commerciales* que, preocupados em adquirir experiência na prática profissional de suas áreas, instituíram um projeto que previa a vinculação de empresas reais às faculdades e universidades, atuando diretamente nas áreas de formação dos acadêmicos, com orientação e supervisão de professores, sem fins lucrativos e focadas no fomento do conhecimento, da aprendizagem, da autogestão e da aproximação com o mercado de trabalho (CONAC, 2011).

Apenas dois anos depois foi fundada a Confederação Francesa de Empresas Juniores, reunindo estudantes de todo o país em torno de causas comuns, buscando consolidação e reconhecimento do projeto. De acordo com artigo publicado pela Empresa Júnior da Fundação Getúlio Vargas de São Paulo (EJFGV) – a primeira Empresa Júnior da América Latina –, por volta de 1987 já existiam mais de cem iniciativas do projeto em toda a Europa. A EJFGV foi desenvolvida através do Diretor da Câmara de Comércio Franco-brasileira, João Carlos Chaves, no curso de Bacharelado em Administração da Instituição, perpetuando seu trabalho até hoje.

O conceito apresentado pela CONAC – Consultoria e Assessoria Contábil, da Universidade Federal do Piauí, Campus Parnaíba, para Empresa Júnior define:

As empresas juniores são constituídas pela união de alunos matriculados em cursos de graduação em instituições de ensino superior, organizados em uma associação civil com o intuito de realizar projetos e serviços que contribuam para formar profissionais capacitados e comprometidos com o propósito de transformar o Brasil. (CONAC, 2011, p. 2).

O referido artigo completa sua definição dizendo que empresas juniores sempre são orientadas e supervisionadas por professores de sua área; que os projetos desenvolvidos por elas devem estar contidos e/ou relacionados aos conteúdos programáticos dos cursos que as integram; que possuem autonomia da gestão das instituições de ensino superior as quais são agregadas; que não devem de nenhuma forma captar recursos financeiros para os membros da empresa ou para a instituição de ensino, devendo a renda obtida ser direcionada a aplicações internas da organização. (CONAC, 2011).

No âmbito das empresas do curso de bacharelado em administração, Periard (2011, p. 2) salienta que: “são desenvolvidos projetos de consultoria, protótipos de novos produtos, estratégias de gestão e marketing, [...], pesquisas sobre o mercado de atuação, gerenciamento de projetos, liderança de equipes, gerenciamento de departamentos”, enfatizando as principais áreas desenvolvidas pelas EJs – Empresas Juniores – ao atuarem efetivamente no mercado.

O estudo “Censo e Identidade” da Brasil Júnior enfatiza, ainda, o crescimento do movimento no país, apresentando que desde 2016 o número de empresas confederadas

duplicou e, por conseguinte, os projetos e o faturamento acompanharam esta evolução, aumentando as expectativas e desafios para os próximos anos. (JÚNIOR, 2018).

Certamente o conhecimento sobre o surgimento das empresas juniores no Brasil e no mundo e das definições mais recentes do movimento no país, são relevantes, mas compreender a sua importância social é fundamental para acadêmicos, para a Instituição, para as empresas da comunidade e, principalmente para os atuantes nas EJs que durante o processo capacitam-se desenvolvendo competências profissionais.

Segundo Periard (2011, p. 1):

As Empresas Juniores contemplam as necessidades de três clientes principais: (1) Os alunos: Que se utilizam da interação entre os membros da empresa e da troca de conhecimento e experiências para se desenvolverem pessoal, profissional e academicamente; (2) As empresas: Que se beneficiam com os projetos desenvolvidos pelos alunos, cujas características são a alta qualidade dos trabalhos, garantida pela orientação dos professores, e o baixo investimento, uma vez que as empresas juniores não visam ao lucro [...]; (3) As universidades: Que são favorecidas pelo retorno em imagem institucional, garantido pela divulgação que as Empresas Juniores necessariamente fazem do seu nome [...] (PERIAD, 2011, p. 1).

De acordo com as ideias do administrador e editor do blog Sobre Administração na internet, os benefícios para as três partes envolvidas – alunos, empresas e universidades – são diversos, somando em um mesmo contexto: conhecimento e experiência para os acadêmicos, alta qualidade e baixo investimento para as organizações, imagem institucional e divulgação para as instituições.

O Brasil, enquanto país com o maior número de empresas juniores no mundo, é líder nos projetos e pesquisas que colocam o acadêmico à frente de empresas de médio e pequeno porte. Os resultados obtidos pelo Brasil Júnior, em 2018, revelaram que: “Ao ter responsabilidade e entender claramente o seu propósito, o empresário júnior estará mais preparado e confiante para gerar resultado por meio das suas ações” (JÚNIOR, 2018, p. 8), demonstrando a importância da participação ativa nas EJs para a formação profissional do aluno.

Com relação às competências desenvolvidas pelo acadêmico no processo, O MEJ – Movimento Empresa Júnior destaca seis delas como essen

ciais e amplamente trabalhadas nos cursos de administração, oriundas da atividade júnior: *storytelling* (comunicação para engajamento), *data Science* (habilidade de olhar, processar, extrair informação, visualizar e comunicar dados), tecnologias disruptivas (otimização da empresa por máquinas, informatização e inteligência artificial), *design thinking* (projetos e soluções pensados especificamente para cada empresa e problema), *mindset* (inovação de produtos, serviços e principalmente técnicas), metodologia *Agile* (agilidade nos feedbacks para mudança nos resultados).

Ao adentrar o meio júnior, os estudantes passam a desenvolver diariamente características como: responsabilidade, comprometimento, engajamento, amizade, dedicação, determinação, capacidade, empreendedorismo, visão global e sistêmica, liderança, empatia e conhecimento técnico, o novo desafio passa a ser aprender fazendo e estudar relacionando em sua área.

3 PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

A pesquisa se deu através de uma abordagem qualitativa, tendo em vista que assume caráter exploratório, ao se propôs a compreender o histórico do Movimento Empresa Júnior (MEJ ou Brasil Júnior), buscando sua essência para explicar sua importância. Através de procedimentos de revisão bibliográfica de artigos, relatos documentados de membros de empresas juniores ao redor do país e da análise de dados das pesquisas efetuadas nos últimos anos pela Brasil Júnior, será possível alcançar os objetivos da pesquisa e apresentar à Faculdade um levantamento conciso, que poderá ser utilizado para engajar mais pessoas no projeto.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Apresentaremos aqui uma revisão de nossas pesquisas iniciais, com auxílio de recursos visuais, que facilitarão o entendimento da análise e a conexão dos assuntos tratados neste estudo.

Quadro 1 - Evolução das Empresas Juniores no Brasil e no Mundo.

Quando? (Ano)	Onde? (Local)	O que? (Acontecimento)
1967	<i>L'École Supérieure des Sciences Economiques et Commerciales - França</i>	Constituída a primeira Empresa Júnior do mundo.
1969	França	Fundada a Confederação Francesa de Empresas Júniores.
1987	Europa e Brasil	Já existiam mais de 100 Empresas Júniores no continente + Surge a primeira Empresa Júnior da América Latina, no Brasil.
2016 – 2018	Brasil	Aumento do número de empresas federadas, garantindo ao país o título de “maior número de empresas júniores no mundo”.

Fonte: Os autores.

Quadro 2 - Competências Desenvolvidas em Relação aos Projetos Praticados.

Projetos	Competências
Desenvolvimento de Novos Produtos	<i>Mindset</i> , Tecnologias Disruptivas; Empreendedorismo
Gestão e Marketing	<i>Data Science; Design Thinking; Metodologia Agile</i>
Liderança de Equipes	<i>Storytelling</i> ; Responsabilidade; Empatia

Fonte: Os autores.

A importância das empresas júniores pode ser resumida em: aquisição de conhecimento, experiência, responsabilidade e competências profissionais para o acadêmico; de imagem institucional, divulgação e contribuição na aproximação com o mercado para a Faculdade; e alta qualidade de serviço, baixo custo e oportunidade de desenvolvimento e renovação para as empresas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo contribuiu, para a Ilume Consultoria Empresarial Júnior, no sentido de lembrar aos colaboradores o que é “ser júnior” hoje, somando em seu

objetivo atual de reestruturação e conexão aos ideais nacionais de empresa júnior; e para a comunidade acadêmica, tendo em vista que apresentou, de forma efetiva e organizada, maiores informações sobre a formação, os objetivos e a importância do projeto, ainda em desenvolvimento na Faculdade.

Apesar de manifestar algumas limitações, como número de páginas reduzido e ausência de pesquisas de campo acerca das dúvidas referentes ao projeto, a pesquisa mostrou-se muito positiva e estimulante aos acadêmicos, incentivando maiores estudos e um levantamento de dados mais aprofundado do assunto; possibilitando assim maior compreensão e engajamento na causa, buscando envolver ainda mais os corpos discente e docente e conquistando seu espaço no mercado de trabalho.

REFERÊNCIAS

JUNIOR, Brasil – Confederação Brasileira de Empresas Juniores. Censo & Identidade: Relatório 2018. Disponível em: <[https://static.brasiljunior.org.br/staticfiles/\[BRASIL_JU%CC%81NIOR\]_Censo_e_Identidade_2018.pdf](https://static.brasiljunior.org.br/staticfiles/[BRASIL_JU%CC%81NIOR]_Censo_e_Identidade_2018.pdf)>. Acesso em: 20 de out. de 2019.

JUNIOR, CONAC – Consultoria e Assessoria Contábil. Histórico do Movimento Empresa Júnior. 2011. Disponível em: <https://ufpi.br/arquivos_download/arquivos/Parnaiba/Conac_-_Empresa_Jr_de_Contabilidade.pdf>. Acesso em: 20 de out. de 2019.

PERIARD, G. Sobre Administração. **Empresa Júnior – O que é e como funciona**. 2011. Disponível em: <http://facer.edu.br/anexos/anexo_09102013195909.pdf> Acesso em: 20 de out. de 2019.

A FUMICULTURA E SUAS INTERFACES: A ROTINA DOS FUMICULTORES E SUAS RELAÇÕES COM AS CONDIÇÕES ADVERSAS E O AVANÇO TECNOLÓGICO

BARTZ, Mariane Beatriz⁴
LUZ, Amanda Ribeiro da⁵

Palavras-chave: Rotina, Fumicultura, Avanço Tecnológico, Condições Climáticas.

1 INTRODUÇÃO

A fumicultura é uma atividade agrícola que garante a subsistência de muitas famílias. Devido ao retorno financeiro que possibilita. Há muitos anos, essa cultura é passada de geração para geração, relacionando-se, portanto, a uma estrutura de ordem familiar, que toma cada vez mais espaço, desenvolvendo-se no campo.

O trabalho desenvolvido pelo fumicultor caracteriza-se diversamente. Trata-se de um trabalho árduo, com longas jornadas de trabalho e atividades braçais, além de exposição a condições climáticas adversas, entre outros. É uma atividade que acontece de forma dividida, em várias etapas, constituindo-se em um ciclo produtivo longo, iniciado através do preparo do solo e se estendendo até a comercialização. Os avanços tecnológicos facilitaram, sobremaneira, este trabalho, durante todas as suas fases, possibilitando o aumento da produtividade e a qualidade, conseqüentemente, aumentando sua rentabilidade.

Tendo em vista a importância da atividade no município de Camaquã, caracterizando-se como uma das principais fontes de receita para o campo, este trabalho

⁴– Faculdade Camaquense de Ciências Contábeis e Administrativas – Faccca – Fundação de Ensino Superior da Região Centro Sul- Fundasul - marianebartz15@gmail.com.

⁵ Professora Orientadora – Faculdade Camaquense de Ciências Contábeis e Administrativas – FACCCA – Camaquã/RS. E-mail: amandardaluz@gmail.com.

tem por objetivo caracterizar a rotina diária do campo e as condições de trabalho do fumicultor.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

A produção do fumo se concentra em diversas fases, as quais possuem suas especificações e a execução de diferentes atividades, que juntas, totalizam a safra e possibilitam o resultado satisfatório para os agricultores. O ciclo produtivo do tabaco compreende os seguintes processos: (i) produção das mudas; (ii) preparo do solo; (iii) transplante; (iv) adubação de cobertura; (v) desponte; (vi) colheita; (vii) cura; (viii) classificação e (ix) comercialização. Todas essas fases exigem um grande esforço físico, uma vez que implicam a realização de diferentes atividades no dia a dia, sendo sistemáticas e de intenso trabalho (HEEMANN, 2009).

A primeira fase, a produção das mudas, inicia com a semeadura das sementes, que não devem ser depositadas diretamente no solo da lavoura. Por esse motivo, é necessário o preparo de canteiros. A partir de 15 a 20 dias após a semeadura, ocorre a germinação, dependendo das condições climáticas, visto que o frio e o calor influenciam na germinação das sementes (HEEMANN, 2009). Depois de cerca de 45 até 60 dias, após a semeadura, as plantas estão prontas para o plantio na lavoura (HEEMANN, 2009). Em seguida, a segunda fase consiste no preparo do solo, o que significa gradear, adubar e preparar os sulcos (camaleões), com a utilização de tratores ou equipamentos movidos por tração animal (HEEMANN, 2009)

Decorridos aproximadamente 60 dias de sementeira, dá-se o início de um novo ciclo – uma nova fase: o transplante das mudas para a lavoura. A distribuição das mudas sobre os “camaleões” é normalmente sob o seguinte espaçamento: 1,20 metros entre as linhas e 50 centímetros entre as plantas (VOGT, 1994; HEEMANN, 2009). Passados cerca de 15 a 20 dias após o transplante, é necessário a primeira aplicação de adubo – fase de adubação de cobertura – que é realizada com as mãos ou através de uma adubadeira manual (HEEMANN, 2009).

Esse processo é realizado cerca de 3 vezes, devido à necessária reposição de adubos conforme o desenvolvimento do fumo. Cerca de 60 dias após o plantio, o fumicultor passa para outra fase, a de “capação” ou desponte. Nessa atividade os

fumicultores retiram os botões florais juntamente com as folhas superiores, com isso a força das plantas se concentrará no crescimento das folhas, melhorando a qualidade da textura e tamanho (VOGT, 1994).

Após, dá-se início a fase da colheita, sendo realizada em etapas. Para descobrir quando a folha está madura, basta constatar que esta alcançou seu pleno desenvolvimento e começou a mudar sua cor verde para amarela (VOGT, 1994).

A cura do tabaco é outra fase, é composta por três etapas principais: amarelção, secagem da folha e secagem do talo. Logo após os fumicultores colherem as folhas maduras dos pés de fumo, são levadas para a estufa. O processo de cura objetiva remover o conteúdo de umidade das folhas, sem interromper o processo de amadurecimento que se inicia ainda na lavoura (OLIVEIRA, 2014). Cada folha colhida precisa ser classificada antes de ser vendida, por isso se considera uma nova fase. Nesse processo o fumicultor separa as folhas a olho nu, uma por uma, por classe e outros critérios. As folhas são separadas em montes maiores e para a comercialização serão ajuntadas e compactadas (VOGT, 1994).

A última fase do processo de produção de fumo consiste na comercialização, na qual os fardos são destinados para as empresas fumageiras. Ao dar entrada nos portões da empresa, os fardos são pesados e classificados novamente por funcionários especializados das fumageiras. Os classificadores identificarão qual dentre as 41 classes (AFUBRA em 2019) se identificará melhor com o fardo analisado. Segundo Vogt (1994) essa classificação nem sempre coincide com aquela dada pelo fumicultor. Cada uma das classes corresponde a um diferente valor monetário, que as empresas pagam pela compra aos fumicultores.

O trabalho realizado pelos fumicultores, segundo Heemann (2009), é relativamente pouco mecanizado, sendo de maior parte realizada artesanalmente, por essa razão, caracteriza-se como uma atividade cansativa e desconfortável. O trabalho desenvolvido pelos fumicultores, é considerado rotineiro, cansativo, desgastante, exaustivo, sem reconhecimento social e também com forte exigência física. Apesar disso, é suportado por questão de sobrevivência e manutenção da família, apresentando um sentido de obrigação (HEEMANN, 2009).

Segundo Castro (2013), a produção de fumo no Brasil é uma importante fonte de geração de renda, pois favorece a arrecadação de impostos e produz empregos a várias

peças. Sua rentabilidade o torna uma excelente opção para as pequenas propriedades, com isso os fumicultores acabam sendo totalmente dependentes economicamente do tabaco para sua sobrevivência. Para Neves apud Eichelberger (2017), a população precisa ter consciência de que o ato de fumar faz mal, mas o que não deve ser feito é desconsiderar a sua produção – que é fonte de sobrevivência para muitos – a agricultura não deve ser penalizada por causa do tabagismo, já que o mesmo pode ser utilizado para a fabricação de cosméticos, fármacos, vacinas e usos em laboratórios.

3 MATERIAIS E MÉTODOS

Esta pesquisa classifica-se como de natureza exploratória, de abordagem qualitativa. As entrevistas contaram com um roteiro semiestruturado, aplicado para um correspondente por vez, classificando-se como entrevista em profundidade (BAUER; GASKELL, 2002). Para a análise de dados foi utilizada a forma interpretativa. Ao total foram realizadas 05 entrevistas, com duração de, em média, 35 minutos. Os entrevistados possuem idade em média de 41 anos.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Segundo os entrevistados, o cultivo do fumo acontece em “fases”, sendo que, “as fases [...] começam primeiramente planejando a safra” (E4), ou seja: de como irão proceder com os preparativos do solo, qual variedade de semente irão plantar, pois: “a escolha da semente mais apropriada para aquela propriedade do agricultor, que mais se encaixa, escolhendo a variedade, ele vai começar o preparo do canteiro” (E5). Serão planejadas as épocas de transplante, colheita, encerramento da colheita, e assim por diante. Enfim, planejam o tempo para a execução das atividades ao longo da safra e também seus recursos para que possam desempenhá-las com agilidade e qualidade, garantindo um resultado satisfatório.

É importante ressaltar que durante o andamento do processo produtivo do fumo, é comum ocorrerem algumas adversidades climáticas que podem afetar a produtividade

e a qualidade da safra, fato que se confirma através do próprio agricultor entrevistado: “a gente tem falado que na verdade a agricultura é uma poupança a céu aberto, então se o clima ajuda, sempre se tem retorno, [...] algum ano mais, algum ano menos, mas sempre sobrou” (E1).

Existe uma quantidade exata de chuva que é necessária para o bom desenvolvimento do fumo, a extremidade causada por falta ou excesso de alguma adversidade, afeta diretamente o resultado, como diz E5: “tudo tem sua dose, por exemplo se tiver muita chuva ou pouca chuva vai afetar diretamente a produção e a qualidade também, bastante né, tem tudo isso.”

Os riscos estão presentes em todas as fases de produção, de acordo com E1: “Tanto no começo com a produção de mudas, que a gente já começa a se preocupar tanto da geada, ou de tempo com granizo ou vendaval, já começa desde ali, [...]”; “então a preocupação do clima é constante, desde a produção da muda até depois que tá seco o fumo no galpão também, pode vim destelhar o galpão com vento e também pode estragar então a preocupação é constante” (E1).

Segundo o E1 o resultado que terão ao final da safra é como “uma poupança a céu aberto”, a referência de uma poupança se refere aos valores, tempo, esforço, entre outros, investidos diariamente para a produção do fumo, já ao “céu aberto” se refere que o resultado está exposto e o valor ao final não é garantido. A rentabilidade do fumicultor, se dá através de diversos fatores: qualidade, quantidade e alta produtividade, mas muitas vezes isso é afetado devido as condições climáticas

As atividades são desenvolvidas diariamente, embora no momento em que um ciclo de determinada tarefa se encerra, outro ciclo se inicia, com seus tipos de atividades específicas. Isso mostra que é um processo contínuo e independente, visto cada fase de produção necessitar de tarefas específicas, fato que se confirma segundo E1: “a gente trabalha diariamente, é difícil dizer assim que vai se trabalhar todos os dias iguais”.

O trabalho ainda é desenvolvido braçalmente, conforme dito por E2: “é bastante braçal [o desenvolvimento do trabalho] hoje em dia já se tem bastante máquinas que colaboram, que ajudam, mas ainda assim tem bastante serviço braçal”. Muitas vezes algumas atividades precisam ser desenvolvidas de maneira braçal, mas muitas outras podem ser executadas com o apoio de máquinas. O avanço tecnológico possibilitou melhorias com o passar dos anos, conforme o relato do entrevistado: “tu já consegues

plantar bem mais mil pés de fumo do que tu conseguias plantar antes” (E2)”. Outros entrevistados também exaltaram a emergência da tecnologia com a qual modificaram algumas esferas do seu trabalho.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo do presente estudo foi o de caracterizar a rotina diária do campo sob as condições de trabalho do fumicultor. Através da bibliografia exposta junto aos relatos obtidos pelos fumicultores, observa-se o entrelaçamento de ambas trazendo uma resposta para o estudo em questão: a fumicultura acontece a partir de fases bem definidas de plantio; cada uma dessas fases demanda um conjunto, não só de conhecimentos e técnicas, mas também de esforço físico demasiado. Este ainda é um trabalho que está submetido a condições que não podem ser controladas pelo fumicultor como por exemplo as condições climáticas e, mesmo que os avanços tecnológicos facilitem o desenvolvimento do trabalho, ainda possuem suas limitações.

Visto todo o processo, percebe-se que o fumicultor possui um papel muito importante, sendo o primeiro a dar início a todo o ciclo. A partir daí, analisa-se o fumicultor como o trabalhador que dedica seu tempo ao cultivo do fumo, que enfrenta diariamente diversos fatores em busca de seu sustento, não sendo, infelizmente, muitas vezes, pelo seu trabalho.

REFERÊNCIAS

AFUBRA. **A fumicultura no Brasil**. Disponível em: <<https://afubra.com.br/fumiculturabrasil.html>> Acesso em 15 abr. 2019.

BAUER, Martin W. GASKELL, George. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

CASTRO, Laura Silva Peixoto de. **Precarização da organização do trabalho: vivências de prazer e sofrimento no cultivo do fumo**. Dissertação (Psicologia Clínica) - UNISINOS. São Leopoldo, 2013.

EICHELBERGER, Letícia. **Facilitando a colheita do tabaco**. Monografia (Curso de Design)-Centro Universitário UNIVATES. Lajeado, 2017.

HEEMANN, Fabiane. **O cultivo do fumo e condições de saúde e segurança dos trabalhadores rurais**. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção)-UFRGS. Porto Alegre, 2009.

OLIVEIRA, Israel de. **Simulação e projeto de um sistema solar térmico para apoio energético no processo de cura de tabaco**. Dissertação (Engenharia Mecânica)-UNISINOS. São Leopoldo, 2014.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VOGT, Olgário Paulo. **A produção de fumo em Santa Cruz do Sul, RS (1849 – 1993)**. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) -Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 1994.

